

MEMÓRIAS DO CÁRCERE: A *ESTAÇÃO CARANDIRU* DE DRAUZIO VARELLA

João Vitor Zanini Crema

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar o livro *Estação Carandiru*, escrito por Drauzio Varella, em 1999. Trata-se das memórias de um médico que trabalhou voluntariamente por dez anos na maior casa de detenção do país, justamente na época em que se deu o famigerado massacre do Carandiru em 1992. Este acontecimento chocou o país na época. Após uma briga interna, teve início uma grande rebelião, que culminou com a invasão do presídio e a morte de 111 detentos. Desta forma, pretende-se tomar a obra de Varella como fonte histórica para compreender como o autor relatou o evento e quais os possíveis usos dessa construção memorialística.

Palavras-chave: *Estação Carandiru*, Drauzio Varella, História, memória.

INTRODUÇÃO

No texto *Arquivar a Própria Vida*, publicado na revista *Estudos Históricos*, da FGV, Philippe Artières questionou a respeito de tanta preocupação com a construção de memórias, autobiografias e outros escritos autorreferenciais, como a organização de cartas, arquivos pessoais e diários íntimos. Em resposta ao mandamento “arquivarás a tua vida”, o autor afirmou:

Arquivarás tua vida; e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade. Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (ARTIÈRES, 1998, p.11).

De acordo com o autor, num diário pessoal, ora registramos apenas alguns acontecimentos ora omitimos outros. Às vezes, quando relemos nosso diário, é comum que acrescentemos algumas coisas ou corrijamos a versão inicial que tivemos. Dessas práticas de arquivamento do “eu”, podemos destacar o que chamaríamos de “intenção autobiográfica”, em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e, também o de sujeição que, a princípio, poderiam aparecer e que, na verdade, cedem o lugar a um movimento subjetivo.

Numa autobiografia, ou texto de caráter memorialístico, os acontecimentos são selecionados, o que resulta em operações de escolhas, que o indivíduo faz, bem como a

classificação e a organização dos acontecimentos que marcaram a vida do mesmo. Porém, tal procedimento é feito a partir das estratégias discursivas da narração (SOUZA; MIRANDA, 2003, p. 147).

No entanto, as estratégias de construção de uma autoimagem, nos “escritos de si”, não consistem em invenção ou ficção, ainda que os memorialistas mobilizem os recursos como a seleção, o apagamento e o silenciamento. “Apesar das estratégias de construção de uma lógica de si, os autores dos textos autobiográficos têm um compromisso com sua própria verdade. A identidade individual passa pela narrativa, mas o sujeito é fiel a sua verdade (FERRARI, 2013, p. 36). Segundo Philippe Lejeune: “Evidentemente, na intenção de ‘se ver melhor’, o autor cria, se engana, deforma, estiliza e simplifica, mas não se inventa. É essa construção que é preciso compreender.” (Apud FERRARI, 2013, p.36).

Segundo Philippe Artières (1998, p.11), “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social à imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” Ao mencionar o conteúdo citado por Artières em seu artigo *Arquivar a Própria Vida*, pode-se pensar o livro de Drauzio Varella, *Estação Carandiru* (1999), para além de sua fama como *best-seller*, cujas histórias comoveram o país, sobretudo após o sucesso de sua representação cinematográfica, haja vista que o autor utiliza de recursos que resultaram em uma ampla identificação dos acontecimentos retratados na obra.

A obra também é passível de análise, tendo em vista a construção de uma autoimagem por parte de seu autor, além da elaboração de uma versão para os acontecimentos relatados. Nesse sentido, Pierre Bourdieu refletiu sobre as construções biográficas e autobiográficas, afirmando que os autores destes discursos criam artifícios para dar sentido e lógica à história de vida narrada. De acordo com o autor, estes recursos criam uma “ilusão biográfica”, como se todos os acontecimentos de uma história de vida estivessem ligados por uma espécie de “fio condutor” ou “destino”:

O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência). Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tomar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 2006, p.184).

Na época em que o livro foi lançado, o processo contra os autores das 111 mortes, resultantes da invasão policial ao presídio, ainda estava em curso e os réus ainda não haviam sido julgados. Nesse sentido, cabe questionar: quais posicionamentos Drauzio Varella assumiu diante dos acontecimentos por ele relatados? Como a invasão do presídio e a morte dos detentos foram tratados pelo autor? Que imagem o médico-escritor procurou legar de si? Quais os possíveis usos políticos e sociais do seu relato a respeito do massacre no Carandiru?

O AUTOR

Drauzio Varella, formado em medicina pela USP, nasceu em São Paulo, em 1943. Durante 20 anos, trabalhou no hospital de câncer e também, foi médico voluntário na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru) por treze anos. Drauzio também é autor também dos seguintes livros:

Tabela 1 – Livros do Drauzio

TÍTULO	1ª EDIÇÃO	EDITORA
<i>Aids Hoje</i>	1989	Centro Educacional Objetivo
<i>Estação Carandiru</i>	1999	Companhia das Letras
<i>Macacos</i>	2000	Publifolha
<i>Nas ruas do Brás</i>	2000	Companhia das Letras
<i>Florestas do Rio Negro</i>	2001	Companhia das Letras
<i>De braços para o alto</i>	2002	Companhia das Letras
<i>Maré – Vida na favela</i>	2002	Casa das palavras
<i>Por um fio</i>	2004	Casa das palavras
<i>Borboletas da alma</i>	2006	Companhia das Letras
<i>O médico doente</i>	2007	Companhia das Letras
<i>Cabeça de cachorro</i>	2008	Editora Terrabrasil
<i>Primeiros socorros – um guia prático</i>	2011	Companhia das Letras
<i>A saúde dos planos de saúde</i>	2015	Companhia das Letras
<i>Correr</i>	2015	Companhia das Letras
<i>Prisioneiros</i>	2017	Companhia das Letras

Fonte: Elaborado pelo autor.

É interessante observar que desde o ano 2000, Varella publicou uma série de livros sobre medicina, saúde pública, obras literárias e infanto-juvenis. Então, isso mostra que o sucesso do livro *Estação Carandiru* o estimulou a escrever tais obras, apesar de já ter estreado em 1989, com o estudo a respeito da AIDS, em parceria com outros médicos.

No início dos anos 1970, juntamente com o professor Vicente Amato Neto, trabalhou na área de moléstias infecciosas do Hospital do Servidor Público de São Paulo. Durante 20 anos, dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer (SP) e, de 1990 a 1992, o serviço de Câncer no Hospital do Ipiranga, na época pertencente ao INAMPS.

Drauzio ganhou destaque por ser um dos pioneiros no tratamento da AIDS, especialmente do sarcoma de Kaposi, no Brasil. No ano de 1986, sob a orientação do jornalista Fernando Vieira de Melo, iniciou campanhas que visavam ao esclarecimento da população sobre a prevenção à AIDS, primeiro pela rádio Jovem Pan AM e depois pela 89 FM de São Paulo.

Na Rede Globo, participou das séries sobre o corpo humano, primeiros socorros, gravidez, combate ao tabagismo, planejamento familiar, transplantes e diversas outras, exibidas no Fantástico. Em 1989, iniciou um trabalho de pesquisa sobre a prevalência do vírus HIV, na população carcerária da Casa de Detenção do Carandiru. Desse ano à desativação do presídio, em setembro de 2002, trabalhou como médico voluntário. Atualmente, faz o mesmo trabalho na Penitenciária Feminina de São Paulo.

Na Amazônia, região do baixo rio Negro, dirige um projeto de bioprospecção de plantas brasileiras com o intuito de obter extratos para testá-los experimentalmente em células tumorais malignas e bactérias resistentes aos antibióticos (VARELLA, 2008).

A OBRA

No best-seller *Estação Carandiru*, o autor conta sua experiência como médico voluntário, a partir de 1989, na Casa de Detenção de São Paulo, onde realizou um trabalho junto com a coordenação do presídio com o intuito de prevenção da AIDS, já que na época em que o médico atuava atendendo os internos, a doença ainda estava em franca expansão.

O livro teve sua primeira publicação no ano de 1999, ou seja, 07 anos após o trágico acontecimento que resultou na morte de 111 detentos que se encontravam no pavilhão 9 do Carandiru. Nele, Drauzio Varella narra com riqueza os detalhes, não apenas sobre o cotidiano dos internos do presídio, mas também situações de intimidades, em que viviam aproximadamente 7 mil presos, os quais cumpriam sua respectiva pena.

O livro possui 297 páginas e tem como arte de capa, o ilustrador Hélio de Almeida e a sua primeira publicação foi feita pela editora Companhia das Letras, que apostou na obra que mais tarde se tornaria um sucesso de vendas e *best-seller* tanto em relação à sua aceitação como pela curiosidade por parte dos leitores, que desconheciam por completo a realidade em que viviam os milhares de detentos que se encontravam no maior presídio do país.

Conforme já mencionado, o livro que fora lançado no ano de 1999 e transformado em filme em 2003, por Hector Babenco, *Estação Carandiru* ganhou dois prêmios Jabuti: *Não-Ficção* e *Livro do Ano*. Já vendeu mais de 500 mil exemplares e ainda é alvo de procuras de muitos que buscam entender como era a convivência de milhares de presos em um ambiente sórdido e marcado por histórias de terror e hostilidade.

Neste sentido, logo na introdução do livro, ele apresenta ao leitor, que a obra não tem por objetivo denunciar um sistema penal antiquado nem apontar soluções para a criminalidade brasileira ou defender direitos humanos de quem quer que seja. Contudo, cabe-nos perguntar se: este tipo de isenção seria possível numa obra memorialística, produzido por alguém que vivenciou o dia a dia das pessoas sobre as quais escreveu?

Evidentemente, mobilizar a ideia de neutralidade pode ser encarado como uma estratégia de construção de sua autoimagem.

Pode-se observar que durante a introdução da narrativa de Drauzio Varella, são utilizadas associações, analogias ou metáforas relacionadas aos animais, como forma de descrever tanto os homens quanto o ambiente da Casa de Detenção de São Paulo, onde a perda de liberdade e a restrição do espaço físico, ao contrário do que muitos pensam, não conduzem à barbárie, já que para o autor, em cativeiros, os homens, assim como os demais grandes primatas (orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos), criam suas próprias regras de comportamento a fim de preservarem a integridade do grupo.

Desta forma, levando em consideração os aspectos biológicos evolutivos, é necessário ressaltar que quando o autor discorre sobre os primatas e sobre o homem, este não está os comparando de forma a reduzir homens aos animais, para tanto, também neste caso, o homem é considerado como participante da classe de animais. É importante destacar esta questão, pois se trata da visão de um médico, ou seja, uma pessoa ligada a estudos biológicos, a respeito da sociedade e dos fenômenos sociais.

No início, ele descreve com esmero, toda a divisão física da Casa de Detenção, ou seja, ele explica como o presídio era dividido, nos seus respectivos pavilhões e, como os presos eram divididos, de acordo com seus crimes e antecedentes. No início, o autor deixa claro que embora a arquitetura externa dos pavilhões fosse semelhante, suas divisões humanas e geográficas eram bem diferentes.

Varella também relata em sua obra as diversas dificuldades e o estado caótico de insalubridade enfrentados diariamente pela sociedade carcerária, bem como menciona as aflições enfrentadas pelos detentos e funcionários, nos mostrando como um “estado paralelo”, que regia todo o ambiente interno do presídio e um código penal não escrito organizava o comportamento da população carcerária.

[...] Reunião do Diretor de Disciplina com o encarregado-geral parece a do presidente da companhia com o gerente-executivo: voz baixa, cada um explica o que quer e até onde pode chegar. Compromisso assumido é compromisso cumprido. A faxina é absolutamente fundamental no controle da violência interna. Se alguém deve e não paga, o credor não pode soltar a fãca sem antes conversar com o encarregado-geral, que ouve as partes e dá um prazo para a situação ser resolvida. Antes que este expire, pobre do credor que ousar agredir o outro. (VARELLA,1999, p. 101).

O livro toma um ar de leveza, quando o autor narra a história de personagens como Mário Cachorro, Roberto Carlos, Sem-Chance, seu Jeremias, Alfinete, Filósofo, Loreta e seu Luís, que, com as tonalidades peculiares de cada um, na mais íntima individualidade, descreve ao leitor, não apenas vidas marcadas por tragédias, angústias e solidão, mas também de arrependimentos, superação e esperança diante de tantas adversidades que a vida lhes apresentou.

Neste sentido, o autor transforma esses indivíduos em personagens ficcionais, permitindo que o leitor sinta “leveza” ao realizar a leitura, ou seja, utiliza-se de uma estratégia literária, para que o leitor sinta-se cativado e ao mesmo tempo próximo das figuras retratadas na obra, uma vez que o autor explora seus dramas pessoais, os quais são universais, e também, escreveu *Estação Carandiru* em linguagem acessível, possibilitando que o livro seja lido por diversos tipos de público.

[...] – Mas você opera as pessoas e depois fuma essa praga: vai perder a habilidade manual. – Desculpa, aí o senhor se engana. Eu não fumo crack depois de operar eu fumo antes. – Você é louco, irresponsável. O crack tira o controle dos movimentos. – Doutor, aí o senhor está novamente enganado. Às vezes eu tenho que fazer uma sutura grande, difícil. Desço para o barraco e cachimbo. Subo, injeto o anestésico e lavo a ferida com água e sabão, conforme o senhor ensinou. Lavo sem pressa, chego a passar quinze minutos embaixo da torneira escovando, espuma alta, não me importo com o sangue. Seco bem, tudo limpinho, e quando vou operar, ó, maior barato, vejo os vasos brilhando fluorescente. Amarro um por um, mão firme, no porta-agulha, não deixo escapar nada. Só quando a ferida fica seca, sem escorrer uma gota, as bordas bem aproximadas pelos pontos dos subcutâneo, é que eu suturo a pele. Se o senhor medir a distância entre o buraco da passada da minha agulha e a borda do corte, de um lado e do outro da cicatriz, vai ver que não tem diferença nem de um milímetro, tanto é a precisão. O crack acabou com ele. Dias depois o diretor do pavilhão o demitiu da enfermaria e o transferiu para o Oito. A permanência foi curta; privado da clínica particular não teve como manter o vício, contraiu dívidas e perdeu a moral entre os companheiros. Um dia, foi encontrado sem vida no xadrez. Ao lado do corpo, uma seringa suja de sangue. Overdose, foi a notícia que correu na cadeia. Achei muito estranho; o pessoal da enfermaria que tinha trabalhado anos com ele, nunca soube que Lula injetasse na veia. (VARELLA,1999, p. 212).

Quando o autor discorre acerca da invasão por parte dos policiais, narra o acontecimento identificando poucos personagens que conseguiram sair ilesos e, de outros que não tiveram a mesma “sorte” e acabaram virando estatística. Na obra, Varella comenta que passava das três da tarde quando a PM invadiu o pavilhão Nove. Segundo Varella, embora tenha sobrado para todos, as baixas mais pesadas ocorreram no terceiro e no quinto andar. Cerca de trinta minutos depois de ordenada a invasão, nas galerias cheias de fumaça ouviram-se gritos de “Pará, pelo amor de Deus! Não é pra matar! Já chega, acabou! Acabou!”. Uma depois da outra, as metralhadoras silenciaram.

O CARANDIRU E O MASSACRE

Data da tarde de 2 de outubro de 1992, em uma sexta-feira, quando por volta das 14h, por conta de uma discussão entre dois detentos, os quais estavam no Pavilhão 9, na Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru, complexo penitenciário construído nos anos de 1920, no bairro do Carandiru, zona norte da capital, em que devido a uma briga, que no início parecia ser apenas mais uma dentre vários outros desentendimentos diários que aconteciam no complexo, começa uma confusão generalizada que resultou em um dos episódios mais sangrentos da história de todo o sistema penitenciário brasileiro.

[...] A razão da desavença não foi esclarecida devidamente, de acordo com Baiano Comedor, um traficante de cocaína sócio de uma piazzaria no Ipiranga, que se gabava de haver namorado as mulheres mais bonitas do bairro, testemunha ocular dos fatos: - Uns dizem que foi por causa de uma dívida de cinco maços de cigarro. Tem quem acha que foi uma maconha que gerou desentendimentos, mas alguns que estavam perto até falam que foi

discussão de futebol. Tantas teses defendidas que, como diz o outro, jamais será encontrada a moradia da verdade. (VARELLA, 1999, p. 281).

Primeiramente, é oportuno destacar a grandiosidade e toda a estrutura que compunha a Casa de Detenção de São Paulo. O complexo era formado por sete pavilhões, os quais constituíam-se por cinco andares cada um. Na época em que a invasão ocorreu, havia 7.257 presos cumprindo pena na Casa de Detenção e, no pavilhão, em que se desencadeou o massacre, qual seja, o Pavilhão 9, havia 2.706. Era nesse pavilhão que ficavam os encarcerados réus primários, ou seja, os que não tinham antecedentes criminais e não possuíam nenhum registro de passagem pelo sistema prisional.

[...] Como dizem os funcionários: - O Nove é um pavilhão de encontro. Embora a direção propositalmente mantenha alguns presos mais experientes no Nove, a alta concentração de jovens impetuosos é responsável pelas frequentes confusões criadas no pavilhão. Imediatamente depois do massacre de 1992, um faxineiro do Oito condenado a 27 anos por assalto a um banco na XV de Novembro, no centro de São Paulo, no qual perdeu a vida o gerente, fez a seguinte crítica aos companheiros do Nove: - É tudo cabeça-de-bagre, doutor. No meio de uma bagunça daquelas, deixar os funças ir embora e ficar só os presos para dentro do pavilhão é pedir pra PM invadir. Um barato daqueles jamais teria se passado no Oito. Majestade, assaltante dos anos 70 que cumpre pena há vinte anos sem sair no Nove, diz que a diferença em relação ao Oito é a seguinte: - Em nenhum dos dois pode pisar no ovo, só que no Oito é você mesmo que coloca o ovo. No Nove, são os outros, e ainda espalham sabonete no chão para escorregar. (VARELLA, 1999, p. 35).

O autor narra que no dia em que a invasão por parte dos policiais ocorreu, os ânimos estavam muito aflorados, visto que a rebelião dos detentos ocorria dois dias antes das eleições municipais de 1992. Qualquer eventual descontrole emocional ou perda da situação da pacificação social, por parte dos policiais, poderiam resultar em uma crise política ou até mesmo em uma mudança no resultado do pleito.

Varella comenta que antes dos policiais entrarem no complexo, uma tentativa de negociação com os detentos foi testada, no entanto, a mesma não surtiu resultado. Ante tal insucesso, o comando policial decidiu entrar no local com metralhadores, fuzis e pistolas. “Passava das três da tarde quando a PM invadiu o Pavilhão 9. O ataque foi desfechado com precisão militar: rápido e letal. A violência da ação não deu chance para defesa” (VARELLA, 1999, p.289). De maneira rápida e sem hesitar, meia hora depois da entrada da PM, as “metralhadoras silenciaram”, contou o médico. Nesse dia, na véspera das eleições, 111 detentos morreram, mas apenas 8 mortes foram noticiadas.

O modo pelo qual Varella mostra os eventos demonstra sua posição contrária à ação policial e à decisão dos governantes da época. Nesse sentido, apesar de seus desejos em mostrar-se isento, o autor descreveu a invasão do Carandiru como um massacre cruel e truculento por parte dos invasores, do qual os detentos não puderam reagir.

A VERSÃO DO AUTOR

No último parágrafo da obra, o autor ainda fala sobre o número de mortos. Na sua versão, podemos observar que ele descreve tal acontecimento, como um *massacre*, tendo em vista a ação truculenta dos policiais que participaram da invasão e da impossibilidade de defesa por parte dos detentos que se encontravam no pavilhão 9 na Casa de Detenção de São Paulo.

[...] No dia 02 de outubro de 1992, morreram 111 homens no pavilhão Nove, segundo a versão oficial. Os presos afirmam que fora mais de duzentos e cinquenta, contados os que saíram feridos e nunca retornaram. Nos números oficiais não há referências aos feridos. Não houve mortes entre policiais militares. (VARELLA, 1999, p. 295).

Ao analisarmos a autoimagem que o autor constrói em suas memórias, ganha destaque a posição do mesmo como espectador diante de tantas histórias e de passagens sombrias que presenciou durante as décadas de trabalho que foi médico voluntário. Varella constrói uma imagem de si, como o médico que além de curar as enfermidades e doenças dos presidiários, conseguiu curar enfermidades que iam muito além de prescrição de remédios, fazendo uso de palavras que serviam de consolo e esperanças, para os apenados, que já não viam mais saídas diante das situações pelas quais haviam passado e, inspiração para alguns que queriam retormar uma vida digna e distante da criminalidade.

[...] Manga, um carteiro detido no pavilhão Sete, gostava de conversar comigo – e eu com ele. Era um sergipano alto, fluente, com um vozeirão, que havia fugido da cidade natal para escapar das vinganças dos irmãos de uma moça que alegava ter perdido a virgindade com ele. Com o tempo, Manga confiou em mim a ponto de descrever com detalhes o movimento de droga na cadeia, o que me ajudava na estratégia das campanhas de prevenção à AIDS. (VARELLA, 1999, p. 237).

Uma passagem curiosa do livro é quando ele narra sobre a confiança que ganha durante esses anos de trabalho voluntário. Ele conta que com o passar dos anos, andava com tranquilidade e liberdade pela cadeia, relatando que dentre as inúmeras adversidades presenciadas, teria feito amizades verdadeiras, além de aprimorar e aprender o ofício da medicina. Ademais, ele destaca que na convivência de diversos detentos, pôde penetrar alguns mistérios na vida do cárcere, inacessíveis se ele não fosse médico.

[...] A convivência encarregou-se de quebrar a resistência da corporação à minha pessoa, como disse seu Aparecido Fidélis, funcionário experiente, enquanto tomávamos um chope no Recanto Nordestino, ao lado da cadeia: - Com o passar dos anos nós percebemos que o senhor veio pra somar. A partir daí tive ampla liberdade. Pude circular até nas áreas de segurança, do Amarelo à Masmorra. Andar sozinho pela cadeia no meio dos ladrões transmitiu-me uma sensação de autoconfiança que não ficou limitada ao espaço interno do presídio. Hoje, há funcionários que demonstram ao me ver a mesma alegria que sinto ao encontrá-los. Conversamos sobre o trabalho, problemas de saúde, agruras financeiras (que não são poucas entre eles), dificuldades com a família e desencontros com as mulheres (que são muitas).

O respeito entre nós reforçou os laços que me prenderam à Detenção. (VARELLA,1999, p. 107).

É possível observar que em sua obra, Drauzio mostrou-se uma figura humilde e que jamais procurou visibilidade ou mesmo chamar atenção diante das inúmeras ocorrências, as quais atendia diariamente. Ele se apresenta como uma pessoa, que sempre buscou trazer conforto e minimizar as diversas angústias e enfermidades que habitavam a parte interna da Casa de Detenção de São Paulo, tratando a todos com o devido respeito e dignidade, fossem eles agentes ou funcionários, com quem ainda mantém contato frequente em encontros periódicos, sejam com os mais de 7.000 mil detentos que cumpriam suas penas.

[...] Num começo de ano, seu Jeremias foi transferido e nunca mais o vi. Passou o tempo. Uma manhã, cheguei no hospital Sírio-Libanês e havia um rapaz me esperando. Era o filho dele. O pai tinha sido libertado e no domingo seguinte completaria o septuagésimo aniversário. Como falava na nossa amizade para a família, queriam fazer-lhe a surpresa de levar-me para visita-lo nessa data. Domingo, desci o metrô na última estação, Itaquera, encontrei o rapaz e pegamos um ônibus que demorou quarenta minutos até o ponto final. De lá, foi quase meia hora a pé por ruas de terra até chegar a uma casinha com alpendre, abarrotada de filhos e netos, Seu Jeremias estava no quintal com dois meninos que levantavam um caramanchão de chuchu para ele consertar a cerca, do lado de um canteiro de dalias. Quando me viu, seus olhos se emocionaram. Tive vontade de dar um abraço nele, mas fiquei com vergonha. (VARELLA,1999, p. 246).

Ao analisarmos uma obra de memórias, é preciso destacar que esta tem um “eu biográfico”, que não é o mesmo “eu” que assina o livro. No caso, ele se coloca como isento, pacífico, humilde, manso como uma estratégia de escrita. O autor busca através de seus relatos retratar sobre a estrutura interna da casa de detenção, se limitando a apresentar histórias e situações que ocorreram enquanto era médico voluntário. No decorrer da obra, o autor tenta sempre preservar os envolvidos, deixando claro que os casos descritos nem sempre se passaram com os personagens a quem foram atribuídos:

[...] Zelão praticou mais de duzentos assaltos e matou dois ex-companheiros de quadrinha; é magro, cabelo curto por igual, cordial no trato e tem fama de violento na reação. Flavinho, bandido da zona sul, chegou aos dezoito anos com três mortes e um respeitável currículo de fugas da Febem, baixo e magro, sua figura não inspira respeito, a menos que, contrariando, seus olhos negros fixem o do interlocutor. O terceiro, Capote, que adquiriu fama e perdeu os dentes da frente por resistir a sucessivos interrogatórios policiais sem delatar os companheiros, jura que amadureceu na cadeia e tem remorso de ter roubado gente humilde. Quando sair, pretende se regenerar; promete eu só encostará o revólver na cabeça de políticos corruptos. Seu maior desejo é um dia assaltar dois ex-governadores de São Paulo. (VARELLA,1999, p. 221).

Logo, na obra *Estação Carandiru*, percebe-se que é assim que ele se mostra no livro, o que pode não corresponder com o seu eu real. Deste modo, ao se colocar assim, o autor cria uma relação de proximidade com o público acerca de sua autoimagem, o que resulta em uma identificação de simpatia para com o leitor.

[...] Uma noite, após a distribuição do quarto número do *Vira Lata*, o gibi erótico de prevenção à AIDS, juntei a equipe que participou do trabalho e fomos para o bar na frente da Detenção, chamado Alcatraz. Ao chegarmos, lá pelas onze da noite, encontramos um grupo de funcionários do diurno que bebia desde a saída, às sete. Ambiente de botequim: balcão congestionado de garrafa de cerveja, pratinho com calabresa acebolada, música de vitrola automática, falatório e fumaça de cigarro. Um dos carcereiros, quando me viu, estendeu-se a mão e com a voz de quem tem uma batata quente na boca, fez um pequeno discurso: - Doutor Varella, quanta honra essa figura científica aqui, com este humilde funça, que no entanto é uma pessoa humana que tem no coração tanta dignidade como o senhor e neste momento de confraternização faz questão absoluta de oferecer-lhe uma pinga, que o senhor terá a fidalguia de aceitar. Apesar do vernáculo persuasivo, titubeei; a distribuição da revista havia atrapalhado a minha rotina de tal forma que eu estava apenas com o café da manhã. Aquela pinga, em jejum, não ia fazer bem. Diante da hesitação, um colega mais sóbrio do funcionário cambaleante veio em meio auxílio: - Deixa quieto, que o doutor não é homem de tomar pinga em botequim. A observação tocou meus brios. Respondi que honrado era eu, por beber em tão distinta companhia. Veio um daqueles copos de bar com frisos paralelos e uma dose para lá de generosa: dois terços do copo. Com os olhares voltados para mim, dei um gole de homem, com eles. O líquido escorreu incandescente pelo esôfago, deu um tranco na boca do estômago e um baque instantâneo no cérebro. Senti o corpo arrepiar (VARELLA,1999, p. 108/109).

Em suma, estes recursos podem ter garantido o sucesso do livro, já que é assim que ele também se coloca na TV e diante de outras mídias nas quais ainda atua hoje em dia. Por se tratar, então, de uma memória autorreferencial, faz-se necessário realizarmos uma leitura com olhar crítico e com certa “desconfiança” acerca dos relatos narrados.

[...] Na copa de 94, assisti Brasil versus Estados Unidos num xadrez com 25 presos, no pavilhão Dois. Não havia um cisco de pó nos móveis, o chão dava gosto de olhar. Em sistema de rodízio, cada ocupante era responsável pela faxina diária: após o café da manhã, ensaboar e escovar o chão, jogar um tacho de água fervendo nos dois sanitários, tirar pó dos móveis e bater os tapetinhos; terminando o almoço, varrer bem varrido e água fervente nos dois; depois do jantar, água e sabão, lavar tudo de novo, enxugar e colocar os tachos no fogareiro para a limpeza final, pelando, nas privadas. (VARELLA,1999, p. 41).

Assim, é preciso uma reflexão mais elaborada por parte dos leitores, para que eles ponderem até que ponto as passagens narradas pelo autor se coadunam com a realidade, ou mesmo se de fato aconteceram da maneira descrita na obra, seja na sua interação para com os presos, bem como na maneira carismática com que ele se comporta diante de situações que exigiria uma conduta de no mínimo zelar pela sua integridade física e de sua segurança.

A OBRA EM SEU CONTEXTO

Através da leitura e análise da respectiva obra, que foi publicada 7 anos após o ocorrido, o qual ficou conhecido mundialmente como o *Massacre do Carandiru*, devido

à sua repercussão e ao número de mortos, temos que apesar da obra não ter a finalidade de denunciar um “sistema penal antiquado ou defender direitos humanos de quem quer que seja”, o autor acabou marcando sua posição, justamente quando o debate acerca do ocorrido ainda estava em pauta.

O fato do livro *Estação Carandiru* ter sido publicado no ano de 1999 merece relevância, pois foi um período em que o judiciário ainda não tinha sentenciado os envolvidos que participaram da invasão da Casa de Detenção de São Paulo. Observa-se que o autor não deixa de se posicionar em relação ao fato ocorrido, sustentando o posicionamento de que a invasão por parte dos policiais, no Pavilhão 9, da Casa de Detenção de São Paulo, foi um verdadeiro *Massacre* conforme já citado acima.

No que se refere à interferência da obra no julgamento dos envolvidos que participaram diretamente do episódio, é possível observar que a obra *Estação Carandiru* em nenhum momento possui cunho jurídico ou tenta sentenciar os envolvidos, até mesmo porque Varella, na obra, não faz qualquer tipo de menção à culpabilidade das pessoas envolvidas. Na verdade, não há comentários ou suspeitas da possível participação da obra que causasse algum tipo de interferência na possível condenação por parte desses envolvidos.

Por fim, é inegável constatar que, apesar da sua não interferência no julgamento, tanto o livro quanto o filme desempenharam um papel determinante, o qual acabou por influenciar a opinião pública, que, comovida, ansiava pela penalização dos responsáveis pelo acontecimento.

O coronel da reserva Ubiratan Guimarães que comandou a invasão da Polícia Militar na Casa de Detenção e, foi condenado, em junho de 2001, a 632 anos de prisão pela morte de 102 dos mortos e por cinco tentativas de homicídio, no entanto, por ser réu primário, recorreu da sentença em liberdade. Um ano após a invasão do Carandirú, Ubiratan havia sido eleito deputado estadual por São Paulo. Por isso, o julgamento do recurso foi realizado pelo Órgão Especial do Tribunal de Justiça, ou seja, pelos 25 desembargadores mais antigos do estado de São Paulo, em 15 de fevereiro de 2006. Analisando as provas dos autos, o Órgão reconheceu, por vinte votos a dois, que a sentença condenatória, proferida em julgamento pelo Tribunal do Júri, continha um equívoco, o que acabou resultando na absolvição do réu, provocando grande indignação em vários grupos de direitos humanos, os quais acusaram a justiça brasileira de ter esquecido o fato. Os policiais que invadiram o presídio também foram absolvidos.

Cabe lembrar que Drázio Varella vivenciou a experiência como médico voluntário da Casa de Detenção de São Paulo numa época de lutas pelos direitos humanos, justamente após anos de ditadura militar no Brasil. Foi, inclusive, em 1984, com o advento da Lei 7.210/84, que se afirmou categoricamente que o preso é um sujeito de direitos, esteja ele cumprindo pena em definitivo, ou por tempo provisório. Além disso, a Constituição Federal Brasileira, dita “democrática”, promulgada em 1988, reconhece, em seu artigo 5º, inciso XLIX, que aos presos deve ser assegurado o respeito à integridade física e moral - o que não se consuma na prática, uma vez que ainda presenciamos os mais diversos abusos para com os apenados.

Como é possível observar, a experiência de Varella deu-se num período de abertura política, no qual se passou a questionar as forma de aprisionamento do país. O autor, um médico preocupado com as questões de saúde, sem perder de vista os aspectos que regiam a vida social e política de seu tempo, estava atento a estas novas

ideias, que, de alguma forma, estão presentes em seu livro, fruto de sua rica experiência no presídio. Tal fato foi possível constatar a partir das tomadas de posição do escritor em relação às condições do aprisionamento e ao massacre, mesmo que ele tenha desejado mostrar-se isento em relação ao que apresentou ao público.

CONCLUSÕES

A partir da leitura e análise da obra *Estação Carandiru*, percebeu-se que o autor mobilizou de recursos literários e ficcionais, que são comuns neste tipo de escrita autorreferencial, mas que são esquecidos quando se trata da leitura de um texto produzido pelo próprio sujeito que vivenciou os acontecimentos narrados, geralmente confundido com o narrador.

No mais, é interessante notarmos que a maneira com que o autor descreve a obra, resultou em um livro com um ar mais humano e próximo da realidade dos leitores, isso porque ele utiliza-se das mesmas expressões usadas pelos detentos, seja com o uso de gírias, pelos modos de falar ou pelas expressões empregadas, ele faz questão de mobilizar este recurso, resultando num grande encantamento e identificação por parte do público e da crítica.

Outro ponto a destacar, é que apesar de Drauzio já no início de sua obra prometer ser isento diante do fato que levou à invasão do Carandiru, ele não deixou de se posicionar, e externou claramente a sua posição ao se declarar contrário a invasão policial, intitulando-a como massacre e mostrando como houve violência policial e como os presos não puderam se defender.

É preciso enfatizar que a obra foi escrita em uma época de grande ampliação e discussão em defesa dos direitos humanos, além da revisão dos direitos dos apenados, uma vez que, conforme mencionado, foi apenas com o advento da Lei 7.210/84, que se afirmou categoricamente que o preso é um sujeito de direitos, esteja ele cumprindo pena em definitivo, ou por tempo provisório, justamente quando Varella começou seu trabalho na Casa de Detenção.

Por fim, esse posicionamento a favor da humanidade dos detentos se encontra com a imagem que ele construiu de si, como humilde, pacífico, generoso etc. Tal autoimagem e as estratégias ficcionais em mostrar a intimidade e as agruras vividas pelos personagens (inventadas ou não), foram decisivos para o gosto do público, que se identificou com a obra, fazendo dela um *best-seller*.

JAIL MEMORIES: *ESTAÇÃO CARANDIRU* BY DRAUZIO VARELLA

ABSTRACT

This study aims to analyze the book *Estação Carandiru*, which was written by Drauzio Varella, in 1999. These are the memories of a doctor who worked voluntarily for ten years in the largest detention house in Brazil at the time of the notorious 1992 Carandiru massacre. This event shocked the country at the time. After an internal fight, a major rebellion began and culminated in the invasion of the prison and the death of one hundred eleven detainees. Thus, we intend to take Varella's work as a historical

source to understand how the author reported the event and the possible uses of this memorial construction.

Keywords: *Estação Carandiru*. Drauzio Varella. History. Memory.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, PHILIPPE. **Arquivar a própria vida**. *Revista Estudos Históricos*, RJ, v.11, n. 21, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERRARI, Danilo. **A Atuação de Joel Silveira na Imprensa Carioca (1937-1944)**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Mello. **Arquivos Literários**. Atêlie Editorial, Cotia- São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Uxpb5C1C9ycC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 05 nov. 2017.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VARELLA, Drauzio. **Biografia**. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/>> Acesso em 13 nov. 2017.